

PEQUENO DICCIONARIO

Bio-bibliographico Cearense

(Continuação)

J

JORGE AUGUSTO STUDART.—Bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Academia do Recife no anno de 1892.

Filho de John William Studart e de D.ª Augusta Barboza Studart, sua 2.ª esposa e cunhada, nasceu em Fortaleza a 29 de Outubro de 1870.

Quando estudante de preparatorios, redigiu em Fortaleza a *Gazetinha* com Ed. Nogueira, Lopes Filho, Ribeiro Guimarães e outros, e em academico *O Combate*, orgam do Club Autonomista Academico do Recife.

A politica recusando-lhe qualquer emprego ou nomeação em sua terra, viu-se obrigado a seguir para o Estado do Amazonas para onde o chamavam convites de amigos valiosos. Ahi tem sido aproveitado nos cargos de Secretario do Superior Tribunal da Relação, juiz municipal do termo de Fonte Boa, juiz de direito das Comarcas de Carauary, que installou

a 1 de Janeiro de 1896, S. Felippe, Borba, Teffé e por ultimo de Maués, onde está.

Jorge Studart é um dos Brasileiros, que conhecem bem a lingua Tupy.

E' autor de um pamphleto, de 84 pp. in-8.º, impresso em Fortaleza na Typ. Univ. de Cunha Ferro & C.ª, 1900, sob o titulo *O Bacharel Jorge Augusto Studart* juiz de direito de S. Felippe (Estado do Amazonas) ao Publico.

JORGE AYRES DE MIRANDA.—E' o mais velho dos irmãos Miranda, rapazes talentosos e intelligentes que residiam em Baturité.

N'essa cidade ao lado de Cypriano de Miranda, de quem já me occupei, redigiu o jornal *O Cruzeiro*.

Collaborador de varios jornaes do Ceará, escreveu assiduamente na folha litteraria *O Domingo* sobre assumptos linguisticos em que tinha competencia.

Houve uma phase de sua vida em que se mostrou trabalhador incansavel e valente: foi quando ficou sosinho á frente da redacção e gerencia do *O Cruzeiro*, folha semanal, que sustentou com hombros herculeos até transferir sua residencia para Manáos.

JOVINO GUEDES. Foi empregado do commercio em Fortaleza e lente de Portuguez do Lyceu, e depois de exonerado desse cargo por motivo de luctas intestinas do partido republicano mudou-se para a Capital do Amazonas onde continuou na vida de guarda-livros. Foi deputado estadual pela eleição procedida a 10 de Abril de 1892 de accordo com as instrucções do Governo convocando uma reunião do Congresso Cearense para o dia 12 de Maio daquelle anno.

Sentindo-se enfermo dos pulmões, voltou ao Ceará e falleceu a 26 de Agosto de 1905. Fez parte da Padaria Espiritual. Deixou :

—*Carta aberta a Rodolpho Theophilo*. Refutação feita a alguns ponctos do livro *Seccas do Ceará* re-

centemente publicado, 1902, Typ. a vapor da Livraria Classica de Jayme & Camara, Manáos.

O folheto encerra os artigos publicados por J. G. no jornal *A Federação*. Nelle ha um capitulo sobre a propaganda republicana no Ceará em 1889

Li uma refutação por Julio Cesar á *Carta*, na parte historica; não sei se foi publicada.

JOVITA ALVES FEITOSA (D.ª)—Nasceu a 8 de Março de 1848 na povoação do Brejo Secco, nos Inhamuns, sendo seus paes Semeão Bispo de Oliveira e D.ª Maria Rodrigues de Oliveira.

Orphã dos carinhos maternos, foi morar com um tio em Jaicós e ahi, inflammada de ardor patrio, resolveu offerecer-se como soldado contra o dictador Lopez, o que effectivamente fez apresentando-se ao Dr. Franklin Doria, presidente da Provincia, em Theresina e conseguindo alistar-se como voluntario da Patria. Contava então 18 annos.

Embarcada no vapor Tocantins, chegou ao Rio a 9 de Setembro de 65, mas sua heroicidade não achou guarida nas disposições da lei militar, sendo seu offerecimento regeitado pelo Ministro da guerra.

Muito outro foi o proceder por aquelle mesmo tempo do Governo Italiano com Marieta Ciulani, alistada em Como sob o nome de Antonio Delfiore, cujos serviços foram apreciados e aproveitados.

A seu respeito lêa-se o folheto intitulado *Traços biographicos* da heroina brasileira Jovita Alves Feitosa, ex-sargento do 2.º corpo de voluntarios do Piauhy, natural do Ceará, por um Fluminense. Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de Brito & Irmão, 1865. Com o retrato e assignatura da biographada.

JULIA CARNEIRO LEÃO DE VASCONCELLOS (D.ª)—Nascida em Granja a 7 de Setembro de 1880 e filha do Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos, já citado, e D.ª Cesarea Carneiro Leão de Vasconcellos, natural do Recife.

E professora da Escola Normal do Ceará após concurso para o qual apresentou a seguinte these:

These apresentada para o concurso da Cadeira de Geographia e Cosmographia da Escola Normal. *Oceano e seu papel na harmonia do globo. America Meridional (parte physica). Esphera Celeste e coordenadas.* Ceará, Typ. Universal. 1900, in-8.º de 58 pp.

JULIO CEZAR DA FONSECA. Uma das suas origens é a familia italiana Del Pozzo pelo lado materno.

Nasceu em Aracaty a 10 de Outubro de 1853, sendo seus paes o Major Julio Cezar da Fonseca e D.ª Joanna Ramos da Fonseca, filha de Manoel Francisco Ramos e D.ª Candida Rosa Monteiro Ramos.

A Julio Cezar prendem-me laços tão intimos que por tudo que eu delle dissesse poderia ser acoimado de suspeito; a seu respeito limito-me a transcrever sua silhueta feita em 1883 pelo *Jornalzinho*, de Fortaleza, e o manifesto que apresentou ao Eleitorado Cearense, em 1890. Só tenho a ajuntar que Julio Cezar, avido de conhecimentos e a acompanhar peripassu e sem tregua o movimento das letras e das artes que fazem o orgulho e o deleite da humanidade pensante, tem accumulado de 1883, quando delle se occupou o *Jornalzinho*, para cá tamanha somma de saber que sem injustiça a alguem pode ser considerado o homem no Ceará de maior erudição e que mais lê.

Disse delle assim o silhuetista:

Poucos como Julio Cezar tem tão legitimo direito a figurar nesta galeria.

O JORNALZINHO, pois, solve hoje uma divida reputavelmente sagrada.

Quem ha ahi que não o conheça?!

Quem ha ahi que não tenha mais ou menos gravado no competente lobulo cerebral essa figura buliçosa que velozmente passa muitas vezes no dia e em todas as direcções pelas ruas mais frequenta-

das da cidade, de estatura mediana, modestamente enroupado, cabeça inclinada para a frente, com um guapo par de oculos bem ajustado em um guapo par de grandes olhos, traços phisionomicos correctamente lançados, face semi rubra por um rebelde herpes circinatus, barba escassa e negra a ingleza, sempre com a indispensavel bengala ou chapeo executando no solo sem cessar á ordem da mão direita ou esquerda movimentos isochronos com os dos pés? Só poderá ser desconhecido por aquelle que for inteiramente indifferente aquillo que o rodeia; porque o Julio constitúe, com effeito, uma boa parcella do observavel pelo grande numero de vezes que elle faz multiplicar o espaço que seu corpo occupa no ambiente.

E' ainda bem moço; possue trinta annos e no entanto tem a experiencia accumulada de um velho e algumas cans a matisar-lhe a fronte. Em tão curta edade já foi jornalista, já foi advogado, já foi deputado e hoje é secretario da Camara.

Muito talentoso, muito avidamente curioso por tudo quanto lhe cheira a conhecimento serio e utilitario, isso elle sempre foi e ainda o é com toda a intensidade.

E' de uma actividade incansavel...... nas pernas.

Quanto ás actividades de outra ordem, elle é simplesmente preguiçoso como todos os que vivem sob esta zona, tão justamente denominada torrida, pois tudo torra, inclusive os proprios cerebros.

Não duvidamos affirmar que se outro fosse o meio em que se agitasse o seu talento, seria elle uma notabilidade scientifica, entre nós, porem, em lucta com todos os escolhos naturaes e sociaes, apenas a longos intervallos nos manifesta mui fugitivamente os bellissimos productos da sua bellissima intelligencia.

Mui pouca cousa haverá de que o nosso homem não pesque: admira a facilidade com que elle assimila os conhecimentos os mais heterogeneos. Entende de Physiologia, assim como entende de Escripturação Mercantil por partidas dobradas: entende de Direi-

to assim como entende de Pathologia e de Therapeutica. Entende de Historia Natural, de Physica, de Chimica, de Philologia, de Sociologia, de Biologia, de Botanica, de Anthropologia, de Astronomia. Em resumo, possue de todas as sciencias uma noção mais ou menos completa, um conhecimento mais ou menos profundo.

Nas palestras, para as quaes elle tem sempre material abundante, é ininterruptamente deleitavel e muita vez instructivo.

Escrevendo, seu estylo é sempre persuasivo, brilhantissimo e selecto ao ponto de denunciar-se invariavelmente: as suas idéas são originaes e odeia intransigentemente a chapa, o que é uma qualidade recommendavel á nossa sympathia.

Tem tambem todas as qualidades de um perfeito tribuno: boa voz, boa gesticulação, boa presença, bom accionado, frase correcta, inequivoca e facil. Ha sempre uma circumstancia curiosa nos seus discursos: é elle soltar um d'aquelles palavrões que muita vez ninguem no auditorio conhece, e os ouvintes ficarem atordoados ao ponto de, attonitos, todos se olharem mutuamente em uma interrogação muda. Esta circumstancia faz com que uma pessoa tendo assistido a uma reunião em que se exhibiu uma quantidade enorme de falladores, possa ter-se esquecido de todos, menos do Julio.

Posteriormente em qualquer epocha é impossivel escapar á memoria do mais amnesico que o Julio Cezar fallou em determinada reunião.

Dissemos que elle é secretario da Camara, isto é, empregado publico e repetimos isto, para affirmar que é justamente essa a profissão que com mais infelicidade elle podia escolher, pois está na mais desastrosa opposição á sua vocação tantas vezes revelada. Não desejamos attentar contra a sua reputação de bom funccionario, mas, com franqueza, essa posição não assenta bem nos homens que como elle possuem tão variados recursos, tão variadas aptidões.

Devia ser advogado; devia ser medico, e que medico? Sem o ser effectivamente, quantas vezes elle não tem passado quinau nos proprios profissionaes?! Ao ouvil-o discorrer sobre medicina ou sobre as materias correlativas á arte é que se vê bem o quanto elle está transviado do caminho que lhe estão prescrevendo as suas tendencias invenciveis e ineluctaveis.

Julio Cezar acompanha o mais avançado movimento philosophico, scientifico e politico, applaudindo sempre com enthusiasmo os trabalhos, que em qualquer daquelles sentidos se vão diariamente realisando.

Uma convicção mais ou menos accentuada em philosophia e em politica é sempre o corollario de todas as intelligencias lucidas e complexamente cultivadas.

Pois bem. Julio Cezar em philosophia é simplesmente syncretico. Partilha das opiniões de todas as escolas modernas, e tambem das do cura da sua freguezia.

Elle gosta de Comte, de Littrè, de Wirouboff, de Robin, de Theophilo Braga, de Julio de Mattos; gosta de Spencer; gosta de Darwin; gosta de Kegel, gosta de Hækel, gosta de Draper, gosta de Buchner e de Letourneau; adora a Deus; vae a missa todos os domingos e não sabemos se tambem se confessa ao menos uma vez cada anno.

Elle lá tem uma maneira *sui generis* de combinar tudo isso e de dar uma sahida airosa sempre que a tal respeito é interpellado.

Elle acha mui natural fazer a apologia do positivismo e ao mesmo tempo declarar-se orgulhosa e pausadamente catholico, apostolico romano, como por mais de uma vez o tem feito.

Vae lendo constantemente com avidez inafrouxavel tudo o que de mais adiantado vem do velho mundo, e no final de contas, em momentos de hypocondria que a miudo o atormenta, diz que ainda

«não se sabe nada» que «tudo é um mysterio» pelo simples motivo de quando hypocondriaco encarar as cousas só pelo lado absoluto, ficando á margem toda a noção de relatividade, indispensavel á normalidade do funccionamento encephalico.

Em politica diz-se republicano intransigente á Proudhom. Prova passada temol-a no facto de ter sido já redactor principal no seu Aracaty de um jornal francamente republicano. Prova actual, temol-a no enthusiasmo com que observa o movimento republicano em Portugal e no interesse com que lê os periodicos republicanos que se publicam naquelle paiz.

Não obstante, praticamente, nos ultimos annos por um opportunismo que elle lá entende acha-se alistado nas fileiras do partido monarchico, chamado liberal, tendo até já sido deputado nesse caracter

Ainda em politica o homem é syncretico.

Tractemos do homem particular...

Passo agora a transcrever o *Manifesto*, que é concebido nos seguintes termos:

Não solicitei nem recuso a honra de representar a terra do meu nascimento no Congresso Nacional, que tem de reunir-se no dia 15 de Novembro, o primeiro da Republica Brazileira.

Digo-o sem modestia e por força das circumstancias: Ninguem, n'este Estado, mais do que eu possue legitimos titulos para ter no futuro Congresso um assento, sem que n'elle possa alguem escrever a phrase do desesperado romano—*umbra et nihil*.

Embora esquecido, e posto á margem, como cousa imprestavel, sempre é bom relembrar os meus feitos em prol da idéa republicana, afim de que não se diga que sou um convertido da undecima hora ou um ambicioso da hora seguinte.

São lineamentos rapidos da minha auto-biographia politica.

O meu primeiro vagido na vida publica foi o grito de republica, n'um artigo que publiquei em

1869, no *Jornal da Fortaleza*. Então era eu bastante creança.

Tempos depois iniciei pela imprensa a propaganda republicana, mantendo-a por seis longos annos, com sacrificios sem conta, e n'uma altura que muito me honra, e que os jornaes da epocha podem attestar.

Publiquei as «Palavras de um Revolucionario» e os «Peregrinos da Democracia», pamphletos que, á imitação das «Palavras de um Crente» de Lamennais e dos «Peregrinos Polacos» de Mickiewcz, correrão mundo com applausos, e forão impressos na Bahia, a expensas de um amigo, já fallecido, que cursava alli a Faculdade de Medicina.

Ainda publiquei um pamphleto sobre a necessidade de ser destruida a estatua de Pedro I, que é por assim dizer um Judas endeosado n'um golgotha, para no lugar d'ella ser collocada a estatua de Tiradentes, como o começo da revolução que devia dar-nos o regimen da liberdade, verbo que devia fazer se realidade politica.

A' parte a ardencia exhuberante da mocidade, que tinha a loucura da republica, como os primitivos christãos a loucura da cruz, a parte á exageração irreflectida da phrase, todo o meu trabalho pode ser lido, e d'elle não me aparto siquer uma linha, devendo aqui exclamar como um personagem de Schiller:— Miseravel o que renega os sonhos da sua mocidade!

Fui por duas vezes denunciado e chamado aos tribunaes como incurso nas penas do art. 90 combinado com o art. 85 do Codigo Criminal, na qualidade de provocador do crime de destruir a Constituição do imperio e a forma do seu governo, felizmente ambas extinctas; e por diversas vezes ameaçado de prisão, e destinado a ser *chair à canon* por meio do bellissimo systema do recrutamento.

Por conveniencias justissimas, simplesmente de familia, vi-me obrigado a fazer um hiato no meu percurso, a ensarilhar as armas, e recolher-me á tenda

E uma pagina dolorosa que devo voltar, dobrando-a, sem a lêr, por ser intima e muito intima.

Forçarão-me em seguida a acceitar um lugar de deputado provincial, em nome do partido liberal, e aggregaram-me ás suas fileiras, sem que os meus principios soffressem quebra alguma, porque nunca fui monarchista, e todos os que commigo conviviam e ainda convivem bem o sabem.

E para que os vindouros não me increpassem de incoherencia, de transmudação contemptivel, na primeira vez que me tocou fallar na dita assembléa, declarei solemnemente—que continuaria a manter os mesmos principios que até então tinha pregado na imprensa.

No novo posto em que o destino me havia collocado, não fui estranho aos interesses da antiga provincia, procurando satisfazel os do melhor modo possivel, sem deixar arrebatar-me pelos impetos de macaréo do partidismo serrazino e apaixonado.

Ainda na mesma assembléa agitei a questão do abolicionismo, apresentando diversas medidas para a sua completa extincção; e recordo-me ainda com prazer e enthusiasmo da sessão de 10 de Agosto de 1881, um dos mais felizes dias da minha vida, em que aos poderes publicos pedi, em nome do Ceará, a abolição completa e immediata da escravidão no paiz.

Não posso furtar-me ao desejo de transcrever as palavras finaes do meu discurso proferido n'esse dia:

« Ha uma distancia de abysmos insondaveis,
« como os ha somente na consciencia humana, entre
« o patibulo de Groton, o negreiro, e o patibulo de
« Brown, o libertador, entre o machado redemptor
« de Lincoln e o revolver fratrecida de Booth; e
« portanto ainda que fosse preciso passar por cima
« de mil golgothas, affrontar ergastulos e equuleos,
« irrisões e vilipendios, não hesitaria um só momen-
« to, como não hesito agora mesmo, em proclamar

« do alto de todas as minhas convicções que a es-
« cravidão deve desapparecer da face desta terra,
« seja embora preciso a espada ignea do archanjo do
« exterminio.

« (*Apoiados e muito bem*)

« N'este momento solemne, a commoção é tão
« profunda e dominante, que esqueço-me de mim
« mesmo, para só me lembrar que ha no coração da
« patria uma chaga aberta pelas lagrymas corrosi-
« vas da mais tragica das desventuras e que só po-
« de ser cicatrisada ou pelo sangue dos heróes ou
« pela tinta com que o Poder escreve os seus decretos.

« (*Os Srs. Catunda, Montezuma e outros Srs. de-*
« *putados: Muito bem!*) »

Nunca deixei de contribuir para os progressos e os melhoramentos da minha terra, escrevendo sempre para a imprensa diaria; e como empregado publico, que sou, jamais divorciei-me dos meus deveres, desempenhando os com nobre altivez e correcta sobranceria, cabendo-me dar aqui solemnissimo testemunho do quanto sou grato aos adversarios com quem servi, os quaes nunca exigirão de mim a mais ligeira cousa, que podesse ao menos longiquamente ferir a minha dignidade, dando-me plena liberdade de agir, na esphera das minhas opiniões e das minhas affeições politicas.

Veio a revolução com toda a sua potencidade de successo fatal, afigurando se-me como a resurreição da patria na manhã da democracia, e se n'ella não tomei parte activa, ao menos na apparencia, é que, como disse Hegel, a historia não serve sinão para ensinar uma cousa, é que nós não aprendemos nada.

De mais, o personalismo em taes casos é apenas a notação algebrica de uma lei.

Se por ventura fôr eleito, o meu programma é simples, simplissimo; sustentar com a minha palavra e com o meu voto a Republica, como forma unica de governo compativel com a nossa indole ame-

ricana, e defender os altissimos e santos interesses da Religião Catholica, que é a minha, e a de minha patria, embora supprimida do codigo de suas leis.

Não solicito votos, entrego-me á espontaneidade do eleitorado, que é o povo, e que, no pensar de Montesquieu, espirito aristocratico que não sabia li songeal-o, é admiravel para escolher aquelles a quem deve confiar uma parte da sua autoridade.

Não solicito votos, repito, por qualquer modo que me fosse possivel ou permittido, porque tenho presentes as palavras de Stuart Mill que declarão não ser licito ao cidadão solicitar votos como se fosse uma causa da sua conveniencia pessoal.

Qualquer que seja a sorte que me aguarde, tenho bastante alma para resignar-me, e não me falta igualmente coragem para continuar mergulhado na minha profunda obscuridade, abominando sempre os recoveiros que surgem nas sagas das hostes victoriosas, convencido de que tudo se muda, mas não perece a consciencia do dever cumprido.

Fortaleza, 25 de Agosto de 1890.

Julio Cezar da Fonseca Filho.

Mais uma transcripção como adminiculo á biographia desse Cearense notavel.

E' da *Republica*, de Fortaleza:

Não ha no Ceará quem não admire a variada e escolhida erudição do talentoso patricio, que fez as suas primeiras armas na Imprensa, e que hoje, na direcção da Secretaria da Intendencia Municipal, acompanha, retrahido, o movimento scientifico e litterario do mundo, dando só a seus intimos o prazer de ouvil-o.

Julio Cezar da Fonseca Filho, cuja reputação de erudito e homem de saber já está firmada em todo Brasil, é uma organisação exquisita, atormentada de artista e sabio, philosopho e phantasista.

O seu ser moral bi-parte-se entre o crente e o

naturalista investigador, que lê a «Meditação», e o «Homem segundo a sciencia», Balmes e Spencer, Shakspeare e Chateaubriand, Voltaire e S. Thomaz.

Conserva a crença pela tradição, que a sciencia ainda não poude abalar, apezar da dualidade que se nota na sua personalidade, que é mixto de pensador e crente, ageitando o antagonismo das idéas a raciocinios brilhantes, que seu espirito engendra.

Abolicionista e republicano, foi dos primeiros que alvoroçaram a opinião ao clarim da Liberdade; podendo exercer elevadas posições, fugiu da arena e recusou os mais lisonjeiros convites, logo que viu as suas idéas vencedoras. Não apparece sem brilhar, mas é avaro d'essa luz, e adoece quando o obrigam a exhibir seus grandes talentos.

Orador fluente, prosador e jornalista consciencioso, Julio Cezar, se tivesse o temperamento e a fibra dos luctadores antigos, que disputavam no Agora as posições, sem trabalho chegaria ás culminancias sociaes mais elevadas, mas elle prefere o doce remanso do lar que o faz christão, bom e adoravel, tendo pela familia a loucura dos stoicos e o grande amor dos velhos patriarchas.

A nossa admiração pelos dotes do espirito do notavel cearense, confessada assim em publico por linhas impressas, offenderá, certamente, a modestia de Julio Cezar, mas passando hoje o seu anniversario natalicio, quizemos testemunhar de modo solemne a estima e a consideração em que o temos.

A «Republica», que mais de uma vez tem tido suas paginas illuminadas pelo talento de escól do patricio eminente, rende n'esta columna as homenagens de sua admiração.

Até ahi a *Republica*.

Apezar do muito alto valor intellectual de Julio Cezar, do seu enorme cabedal de illustração pouco, é pena dizel-o, tem elle publicado, como ver-se-á desta lista desoladamente pobre:

—*Palavras de um Revolucionario*, pamphleto politico.

—*Peregrinos da Democracia*, outro pamphleto politico.

—*Discurso funebre* recitado pelo orador do Instituto do Ceará J. C. da Fonseca Filho na sessão solemne commemorativa do fallecimento do consocio e thesoureiro Dr. José Sombra. Vem publicado na Revista do Instituto do Ceará, 2.° trim. de 1888.

—*Discurso* proferido pelo Snr. Julio Cezar, Orador do Instituto em resposta ao Snr. Dr. Thomaz Pompeu por occasião de sua posse de socio effectivo. Vem publicado na Revista do Instituto do Ceará, 2.° trim. de 1889.

—*Petição* dirigida á Assembléa Legislativa do Ceará, Fortaleza, Typ. Economica, 43, Praça do Ferreira, 1892.

Julio Cezar é com outros o autor de um *Projecto de Constituição para o Ceará*, publicado in-12.° de 27 pp. no mez de Setembro de 1890.

JULIO CICERO MONTEIRO.—Sua edade deve regular hoje pelos trinta e quatro annos.

E' charadista e decifrador de merito e actividade.

Desde muito creança começou a escrever em jornaesinhos manuscriptos que elle mesmo calligraphava em Ipú, terra de sua naturalidade.

Modesto e intelligente, tem collaborado em prosa e verso em diversos Almanachs.

Foi um dos redactores do pequeno jornal *O Globo*, que existiu em 1887—1888 na cidade de Maranguape e no qual publicou artigos e versos, que assignava sempre com pseudonymos.

Como conteur, seus contos tem sido transcriptos em varios jornaes do paiz.

JULIO HENRIQUE BRAGA.—Fallecido na villa do Castanhal, Estado do Pará, a 5 de Setembro de

1901, filho de Brazilino da Silva Braga e D. Brazilina de Almada Braga.

Nasceu no sitio Pecy, districto de Parangaba.

Tendo feito seus preparatorios no Lyceu de Fortaleza, e embarcando para o Rio de Janeiro em 1886, foi matricular-se na Escola Polytechnica onde fez dois annos de curso de engenharia, não tendo continuado os estudos por falta de meios. De volta ao Ceará occupou em 1889 o logar de auxiliar do prolongamento da Estrada de ferro de Baturité, do qual pedio demissão em 1891.

Fez parte do pessoal Technico da Companhia de melhoramentos do Ceará até esta ser dissolvida. Occupou o lugar de architecto da Camara Municipal da Fortaleza e de lente da Cadeira de Desenho do Lyceu.

Ha delle trabalhos topographicos nos Archivos da Camara.

JULIO NOGUEIRA.—Filho de Joaquim Nogueira de Hollanda Lima e D.ª Marianna de Menezes Nogueira, nasceu em Fortaleza a 15 de Setembro de 1873.

Foi estudante do Seminario de Fortaleza, depois entregou-se á vida do commercio. Transportando-se para Manaus foi alli empregado publico e por ultimo fazendo opposição ao logar de professor de Portuguez na Escola Normal foi para elle escolhido. A These que então offereceu versa sobre

Linguagem. Theorias sobre a sua formação. Leis creadoras e leis modificadoras. Estudos de Semantica. These de concurso para provimento da cadeira de lingua portugueza e literatura nacional da Escola Normal. Para ser publicamente sustentada em Novembro de 1905. Manáos. Imprensa Official. Rua Municipal, 53.

JULIO OLYMPIO DA ROCHA.— Filho de Hermino Olympio da Rocha, já citado, e de D.ª Maria Sussuarana da Rocha e nascido em Fortaleza a 11 de Fe-

vereiro de 1873. E' empregado publico e cursa a Academia de Direito do Ceará.

E' autor do livro de versos *Farfalhas*, editor Raymundo Guilherme, impresso na Typ. Moderna, 71 Rua Formosa, Fortaleza, 1902, de 135 pp., do poema *A Coruja*, impresso em Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, rua Major Facundo, 55 e 57, 1903, e do poema-pamphleto *O Africano*, este sob o pseudonymo de Sancho Ribas.

Tem no prelo o livro de poesias *Canções* e em preparo o poema *Lagrimas*, do qual já publicou diversos fragmentos.

JULIO POMPEU DE CASTRO ALBUQUERQUE. —Nasceu a 8 de Dezembro de 1871 na cidade da Fortaleza. Foram seus paes o Dr. José Pompeu de A. Cavalcanti e D. Sabina Magdalena de Castro Albuquerque.

Fez os estudos primarios no Atheneu Cearense.

Em Maio de 1883 seguiu em companhia de seu pae, então deputado geral, para a cidade de Itu, (S. Paulo) afim de matricular-se no Collegio de S. Luiz de Gonzaga, dirigido pelos padres jesuitas.

Abandonou esse collegio em 1886, tendo feito alguns exames preparatorios no curso annexo da Faculdade de Direito da Capital Paulistana.

Matriculado em 1888 no Lyceu Popular Niotheroyense, dirigido pelo notavel educador Mr. William Cunditt, prestou em dois annos oito exames preparatorios na Instrucção Publica da antiga Côrte.

Em 1891 fez parte da administração do *Collegio da Tijuca*, de propriedade dos Cons.es Mayrink e Matta Machado e Conde do Alto Mearim e cujo director foi o dr. João Pedro de Aquino.

Mortos seus paes em 1891, deixou em meio os estudos preparatorios, vindo a concluil-os em 1899, então já casado e com familia.

Fez parte das forças legaes contra o movimento de 1893, como praça do Batalhão Academico.

Pertenceu á redacção dos seguintes jornaes

fluminenses: *Diario de Noticias*, de 1894 a 1895; *Noticia*, de 1896 a 1898; *O Debate*, de 1899 a 1900 e *Correio Mercantil* e fundou a 15 de Setembro de 1900 *A Lanterna*, semanario de feição academica, illustrado e collaborado brilhantemente.

Tendo cursado a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, Julio Pompeu é hoje bacharel e ao mesmo tempo funccionario da Secretaria de Estado da Viação.

JUSTINIANO DE OLIVEIRA CONDE.—Nasceu em Fortaleza a 26 de Julho de 1848 e falleceu a 5 de Março de 1875 na cidade de Maranguape, onde exercia o cargo de segundo Tabellião Publico.

Foi um dos redactores proprietarios do jornal *Maranguapense*, que existio em Maranguape em 1874, folha fundada pelos irmãos Conde, e em que collaboraram Capistrano de Abreu e José Sombra.

Foram seus paes José Maria Conde e D. Thereza Maria de Jesus.

JUSTINIANO DE SERPA —Filho de Manoel da Costa Marçal, nasceu na villa de Aquiraz a 6 de Janeiro de 1852.

De nascimento humilde, circumstancia que mais eleva os meritos desse valente luctador, sem ter pae alcaide, o que a meus olhos mais enaltece seu nome laureado, conseguiu a golpes de talento e dedicações assumir papel saliente na politica conservadora do Ceará, que o fez mais de uma vez deputado, sendo que numa das legislaturas notabilisou-se, como o fazia tambem na imprensa e nos meetings, como um dos mais fervorosos adeptos da abolição dos escravos.

Dado o movimento republicano, foi um dos deputados á Constituinte do Ceará e seu representante na Camara Federal.

Já então bacharel pela Faculdade de Direito do Recife e desligado da politica do Ceará, transportou-se para Manaus onde continuou a batalhar na

imprensa, foi figura importante no Governo do Municipio e conseguiu uma cadeira de professor no respectivo Lyceu.

Deixando o Amazonas, assentou residencia em Belem do Pará e ahi é professor da Faculdade de Direito, deputado estadual e advogado de nota. Acaba de ser eleito para representar o importante Estado nortista na Camara dos Deputados Federaes.

Redigiu durante o Imperio *A Constituição*, orgam do partido conservador, conhecido por conservador graúdo, e após a Republica redigiu com Martinho Rodrigues, Gonçalo de Lagos, Alves Lima e Drumond da Costa *O Norte*, diario da tarde, politico, 1891—93, com José Lino, Alvaro Mendes e Roberto de Alencar o *Diario do Ceará*, 1894—96, e com Barbosa Lima e Ferreira Sant'Iago *A Patria*, todos de Fortaleza.

Justiniano de Serpa é autor dos seguintes trabalhos:

—*O poeta e a Virgem*.

—*Oscillações*, poesias, Fortaleza, 1883, in-8.º.

—*Tres Lyras*, poesias de Antonio Bezerra, Serpa e Antonio Martins, os 3 poetas do abolicionismo Cearense, Typ. Economica, 1883, in-8.º de 88 pp.

—*Sombras e Clarões*, versos, Fortaleza, Typ. Economica, 44 pp., 1885.

—*Discurso* proferido no dia 14 de Agosto na kermesse promovida pela imprensa em favor do Monumento Tiburcio, Ceará, 1887. Typ. Economica, 16 pp.

—*Sob os cyprestes*. J. B, Figueira Lima, Ceará, Typ. Economica—Praça do Ferreira, 1887, 20 pp.

—*Discurso* pronunciado na sessão funebre feita pela Academia em homenagem a José Carlos Junior. Na Revista da Academia Cearense correspondente a 1896.

—*A Educação Brazileira*. Seus effeitos sobre o nosso meio litterario. Dissertação e Theses de concurso á Cadeira de Litteratura Nacional no Gymna-

sio Amazonense, Manáos, Typ. d'*A Federação*, rua Joaquim Sarmento, 1896, in-8.º de 27 pp.

—*Discurso* do orador official Dr. J. de Serpa na sessão magna commemorativa do 1.º anniversario da Academia Cearense. Vem estampado na Revista correspondente a 1897.

Fez parte com o Dr. Guilherme Studart e Rodrigues de Carvalho da redacção do *Iracema*, orgam do Centro Litterario, de Fortaleza.

E' membro da Academia Cearense em cuja Revista, como viu-se, encontram-se escriptos seus.

JUSTINO DOMINGUES (Dr. P.e)—Nasceu a 28 de Janeiro de 1823 na cidade de Sobral do casamento do negociante portuguès Joaquim Domingues da Silva com D. Florencia Maria de Jesus.

Naquelles tempos em que o espirito inculto do sertanejo mal podia comprehender o alto valor da sciencia, já seu pae tinha por unico ideal, que realisou, consagrar á educação literaria dos filhos a fortuna, que honestamente adquerira.

Coube-lhe a immensa e intradusivel alegria de ver formados quatro filhos, um em Medicina pela Universidade de Montpellier, que foi o Dr. Antonio Domingues, de quem já me occupei, e tres em sciencias juridicas e sociaes pela Academia de Olinda, deixando de ser completa sua satisfação porque dois outros, que tambem estudavam com o mesmo intuito naquella cidade, deixaram de frequentar os cursos por motivos imperiosos. Um delles foi o Major Florencio Domingues da Silva, que exerceu o cargo de thesoureiro da Alfandega de Pernambuco e falleceu aos 78 annos de edade em Recife a 9 de Junho de 1901, victimado por lesão cardiaca.

O espirito do velho Joaquim Domingues era trabalhado pela constante preoccupação de ter um filho consagrado ao sacerdocio, e para o filho Justino convergiram suas vistas.

Tendo feito acto do 1.º anno do curso de Direi-

to e isso foi em fins de 1841, voltava elle a Sobral quando o pae lhe fez a proposta de abraçar a carreira ecclesiastica e, acceita a proposta, seguiu para a Diocese do Maranhão nos principios do anno seguinte, mas porque lhe faltava a edade canonicamente exigida para o presbyterado só em principios de 1846 foi que conseguiu receber todas as ordens sacras.

Regressado que foi a Sobral, fez o pae que elle partisse para Olinda á proseguir nos estudos interrompidos, os quaes concluiu a 31 de Outubro de 1849 quando recebeu o grau de bacharel.

Uma vez no Ceará, foi incluido na chapa que se organisou para deputados provinciaes e foi eleito, exercendo o mandato desde essa epocha até 1862 quando se propoz á deputação geral. Candidato eleito, foi, comtudo, excluido de tomar assento.

Com a queda do ministerio Zacharias e a ascensão do partido conservador ao poder veio presidir o Ceará o Dr. Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, que fora com elle depurado pela Camara.

A proposito narrou-me o proprio Dr. Justino que no dia da sua exclusão da Camara Geral dissera-lhe, rindo, o Dr. Diogo Velho—quem te ha de fazer ainda deputado pelo Ceará serei eu—e que no dia mesmo de aportar ao Ceará lembrara-lhe a promessa accrescentando que a todo custo sustentaria sua candidatura.

Com o auxilio de Diogo Velho effectivamente foi o Dr. Justino Domingues deputado geral na eleição procedida em 1868.

Conta-se tambem de uma promessa de Liberato Barroso ao P.e Manoel de Medeiros, seu conterraneo, de que se algum dia fosse Ministro fal-o ia Bispo, o que mais tarde se realizou.

A crise ministerial, que se manifestou no ultimo anno da legislatura, determinou a dissolução da Camara verificada no dia 22 de Maio de 1872 com a anomalia do chefe da opposição Cons.o Paulino José

Soares de Sousa, que acabava de derrotar o governo, ficar em uma situação muito esquerda porquanto o Imperador, contra todas as praticas parlamentares, em vez de chamal-o para organisar novo ministerio mandou continuar no poder o Visconde do Rio Branco, presidente do Conselho.

Voltando ao Ceará, o Dr. Justino reassumiu o exercicio do cargo de Bibliothecario para o qual fora nomeado na administração Freitas Henriques; desse cargo passou para os de lente de Francez do Lyceu da Provincia e Director interino da Instrucção Publica por nomeação do presidente Oliveira Maciel. No longo periodo que decorre da data dessa nomeação até o dia em que foi aposentado na cadeira de Francez exerceu por diversas vezes o cargo de Director da instrucção publica, ora effectivamente, ora por interinidades nos impedimentos dos respectivos funccionarios.

O Dr. Justino Domingues é hoje o Delegado Fiscal da Faculdade Livre de Direito deste Estado.

Conheço delle:

Discurso pronunciado na Sessão de 4 de Janeiro de 1864 na Camara dos Deputados.

—*Relatorio* apresentado ao Ex.^{mo} Snr. Commendador Antonio Pinto Nogueira Accioly, 2.° vice-presidente do Ceará, pelo Inspector Geral da Instrucção Publica Dr. Justino Domingues da Silva. Fortaleza, Typ. da *Gazeta do Norte*, rua do Senador Pompeu, 100, 1884.

JUVENAL DE ALCANTARA PEDROZO —Irmão do Dr. Alcantara Bilhar, de quem já tratei.

Nasceu na cidade do Crato a 26 de Outubro de 1843 e falleceu na mesma cidade a 10 de Janeiro de 1899.

Exerceu varios cargos de administração e representou o antigo 3.° Districto como Deputado á Assembléa Legislativa Provincial no biennio de 1884 a 1885.

Redigiu os jornaes: *O Cariry* e a *Vanguarda* e collaborou em outros com o Dr. Belizario Fernandes, Coronel Sedrim, Fenelon Bomilcar e Dr. Bilhar.

Como homem politico tornou-se nos ultimos dias do Imperio a influencia mais saliente, e de mais prestigio do valle do Cariry.

Era Coronel commandante superior da Guarda Nacional da Comarca do Crato, nomeado por Decreto de 23 de Fevereiro de 1884.

Publicou: *Manifesto* á Provincia e especialmente ao partido liberal do 6.º districto, Crato, 6 de Dezembro de 1887.

JUVENAL GALENO DA COSTA E SILVA. — Filho de José Antonio da Costa e Silva e de D.ª Maria do Carmo Theophilo e Silva, nasceu a 27 de Setembro de 1836 em Fortaleza na casa n.º 66 da rua Formosa, visinha á actual Litho-Typographia Cearense,[1] que é de propriedade de D.ª Diva de Alencar Gadelha e substituiu á Lithographia Cearense dos Irmãos Costa Sousa. Neto pelo lado paterno de Albano da Costa dos Anjos e pelo materno do portuguès Manoel José Theophilo.

Em 1850 por morte do Dr. Ayres, que exercia a medicina no Aracaty, tratou José Teixeira Castro de dar-lhe successor. Teixeira Castro, que foi o sogro do Dr. Thomaz Pompeu Filho e do Des.ºr Gomes Tavares, era dono de grande pharmacia e pois tinha interesse em que a localidade possuisse um profissional. Sobre Marcos Theophilo, tio de Juvenal, recahiram suas vistas e para lá seguiu o novo medico mediante o partido de dois contos de réis.

Em companhia do parente seguiu Juvenal, que já então estudava latim com o P.e Nogueira Braveza.

A mudança não lhe prejudicava os estudos porquanto em Aracaty havia uma Escola Publica da mesma disciplina sob a regencia de Porphirio Saboia; nessa escola matriculou-se elle. Foram seus condiscipulos Pergentino, Clycerio, Sá Leitão, que depois

de Juiz de Direito tomou ordens sacras e Leoncio Chaves, o heroico padre que succumbiu na epidemia do Cholera victima de sua admiravel caridade.

Ao tempo em que frequentava o curso publico, ouvia Juvenal egualmente as lições de um seu amigo, que se empregava a desmanchar fardos de fumo e a fazer e vender charutos. Esse charuteiro mais tarde frequentou o Seminario de Olinda, emprehendeu uma viagem á Terra Santa e cingiu com brilho a Mitra Pernambucana; chamou se D. Emmanuel de Medeiros.

Destinado por seu pae, que vivia da agricultura, a substituil-o como unico filho varão que era na direcção dos trabalhos ruraes, conseguiu, todavia, Juvenal a permissão de visitar a Capital do paiz e para o Rio se transportou. Alli ligou-se intimamente a Paula Brito a quem o recommendaram cartas de Rufino José de Almeida, o velho, residente em Recife, um amigo de seu pae que estivera no Ceará.

A casa de Paula Brito era então o rendez-vous dos magnates e tambem dos homens de letras; ahi travou Juvenal relações com alguns que mais tarde e hoje têm chamado a attenção publica e celebrisado o nome, por exemplo Machado de Assis, então typographo, e Quintino Bocayuva, pupilo de Saldanha Marinho e que substituiu a Alencar na redacção do *Diario do Rio de Janeiro*.

Em um tal meio as letras seduziam; Juvenal principiou a escrever poesias e a publical-as na *Marmota Fluminense*, propriedade de Paula Brito, em que collaboravam Macedo, o autor da *Moreninha*, do *Moço Louro*, Teixeira e Souza a quem se deve o poema *Independencia do Brazil*, e outros distinctos literatos.

Instado pela familia a regressar, Juvenal ajuntou os magros dinheiros, que tinha e que o pae destinara a um passeio pelo interior da provincia do Rio no proposito de que estudasse de visu o que dizia respeito á cultura caféeira, e enfeixando em livro as suas poesias esparsas publicou os *Preludios*.

Na mesma mesa em que tirava as respectivas provas na typographia de José Soares Pinho tirava tambem Mello Moraes Pae as provas da sua *Physiologia das Paixões.*

De volta ao Ceará sobraçava Juvenal dous exemplares dos *Preludios* ricamente encadernados. Eram um mimo para o pae e para a mãe extremosa e afim de mais captival-os encerravam o retrato do joven cultor das Musas. Esse trabalho de photographia, que fora arranjado por intervenção de Insley Pacheco, a quem Mello Moraes filho dedicou algumas paginas do seu bello estudo intitulado *Artistas do meu tempo*, foi, talvez, o primeiro que o Brasil conheceu. Simples prova ou ensaio, mantem-se até hoje perfeitamente esse retrato como ha dias verifiquei.

Joaquim José Pacheco, depois Joaquim Insley Pacheco, a quem me referi, chegando de Portugal á Fortaleza foi por annos caixeiro de Antonio Borges e depois de João Antonio Garcia, com cuja filha, D.ª Elvira, consorciou-se a 6 de Agosto de 1852, sendo celebrante do acto o P.e José Candido da Guerra Passos e testemunhas Antonio de Oliveira Borges e sua Senhora e o Com.dor Francisco Coelho da Fonseca e D.ª Maria Ephigenia, irmã mais velha da noiva; depois seguiu para os Estados Unidos, onde aperfeiçoou-se na arte da photographia para a qual tinha decidido pendor, e onde nasceu lhe a primeira filha, tambem de nome Elvira.

Tornando ao Ceará após penosissima viagem, aqui demorou-se por algum tempo, seguindo depois para Pernambuco e d'ahi para o Rio de Janeiro, onde fixou residencia e vive ainda a trabalhar honrando-se e a profissão em que se fez notavel e tão apreciado.

Na sua fazenda da Serra da Aratanha, onde residiu até 1886, consorciou-se Juvenal a 19 de Novembro de 1876 com D.ª Maria do Carmo Cabral e Silva, filha do C.el Antonio Cabral de Mello.

Por occasião da ceremonia, que foi celebrada

pelo Bispo D. Luiz Antonio dos Santos, recitou uma poesia encomiastica um dos sacerdotes da comitiva. Terminava ella assim:

Salve festa dies; Juvenalis tu inclyte vates,
Salve; et tu conjux ipsi carissima, salve.

O autor da poesia chamava-se Jeronymo Thomé da Silva e é o actual Arcebispo da Bahia.

Mudando de residencia para Fortaleza, Juvenal é hoje proprietario abastado e exerce o cargo de Bibliothecario Publico, cargo que occupa desde 1889 por nomeação do presidente Caio Prado e em que substituiu a Antonio Augusto, nomeado lente da Escola Militar.

Em 1859 tomou assento como deputado supplente pelo circulo do Icó, sendo um dos que recusaram as leis de meio ao Presidente Silveira de Souza. Nessa sessão apresentou e defendeu um projecto de creação de uma escola pratica, escola normal de agricultura, de que se occupou o *Sol* de Pedro Pereira.

E' a seguinte a lista de suas obras:

—*Preludios Poeticos*, Rio de Janeiro, Typ. Americana de José Soares do Pinho, rua d'Alfandega n.° 210, 1856, com 152 pp.

—*A machadada, poema phantastico* por ......, Ceará, impressa na Typ. Americana de Theotonio Esteves de Almeida, rua do Fogo, 1860, com 26 pp.

Deu causa á *Machadada* ter Juvenal Galeno, que então era alferes da Guarda Nacional, preferido comer um appetitoso perú em companhia de Gonçalves Dias, Pompeu e Coutinho a se achar presente a uma Revista do seu batalhão; d'ahi seis dias de prisão no Estado Maior por ordem do Commandante Superior João Antonio Machado; d'ahi a terrivel versalhada, para cuja não publicação choveram os pedidos tanto perante o autor como junto a Theotonio Esteves, que resistiu a todas as peitas e seducções.

Celebrou-se o banquete em que se sacrificou o perú preferido ás manobras e exercicios da velha

Guarda Nacional no edificio construido em Jacarecanga em que então se hospedava parte da Commissão Scientifica e que mais tarde serviu de Lazareto.

—*Porangaba*, Ceará, Typ. Cearense, impresso por Joaquim José de Oliveira, 1861, 102 pp.

—*Lendas e Canções Populares*, Ceará, 1865, Typ. de João Evangelista, 415 pp.

Teve 2.ª edição, augmentada com as «Novas lendas e canções» e precedida dos juisos criticos de Pinheiro Chagas, Araripe Junior, Franklin Tavora, José Feliciano de Castilho, Fernandes Pinheiro, Marques Rodrigues e Machado de Assis. Lisboa, 1892, Typ. da Casa editora Antonio Maria Pereira, com 622 pp., edic. de 3000 exemplares, editor Gualter R. Silva.

—*Scenas Populares*, Ceará, Typ. do *Commercio*, 1871, com 283 pp.

Teve 2.ª edição, com uma carta de José de Alencar, editor Louis C. Cholowiecki, 1902, e 321 pp. notas inclusive.

—*Canções da Escola*, obra adoptada pelo Conselho de Instrucção Publica do Ceará para uso das aulas primarias, Ceará. Typ. do *Commercio*, 1871, á venda na livraria de Joaquim J. d'Oliveira & Filho á Praça do Ferreira, 34 pp. com 14 canções.

—*Lyra Cearense*, Ceará, Typ. do *Commercio*, 1872, com 150 pp.

—*Folhetins de Silvanus*, Fortaleza, Typ. Universal de Cunha Ferro & C.ª, rua Formoza n.º 33, 1891, 219 pp.

Alem dessas obras tem publicado, mais de uma vez, satyras em verso e prosa e collaborado em revistas e jornaes do Ceará e Rio de Janeiro, como *O Peregrino*, *Revista do Instituto do Ceará*, *A Quinzena*, *Republica*, a *Revista Popular* e *Jornal das Familias*.

No *Diccionario Universal* de Maximiano Lemos encontram-se a biographia, aliás muito resumida, e um optimo retrato de Juvenal Galeno, que nelle é qualificado de Beranger Brasileiro.

L

LADISLAU ACRISIO D'ALMEIDA FORTUNA.—Nasceu em Granja a 8 de Dezembro de 1834, sendo seus progenitores Manoel Gregorio d'Almeida Fortuna, nascido em Quixeramobim a 29 de Novembro de 1805 e fallecido em Granja a 9 de Dezembro de 1876 e D.ª Maria Sinhorinha Pessoa, nascida em Abril de 1806 e fallecida a 24 de Dezembro de 1895, filha de Ignacio José Rodrigues Pessoa e de sua mulher D.ª Francisca Thomasia Pessoa.

Ladislau Acrisio formou se em Direito pela Faculdade do Recife em 1858 e transportando-se para a Capital Federal ahi exerce a profissão de advogado.

São seus irmãos :

(*a*) Theophilo Fenelon d'Almeida Fortuna, nascido a 20 de Maio de 1831, formado em Direito pela Academia de Pernambuco em Novembro de 1856, Promotor Publico de Ipú em 1857, cargo em que substituiu ao Dr. Esmerino Gomes Parente, e Juiz Municipal de Parnahyba em 1858, fallecido em S. Luiz do Maranhão a 2 de Maio de 1859;

(*b*) Coronel Arcadio Lindolpho de Almeida Fortuna, nascido a 13 de Janeiro de 1836, Deputado provincial em varias legislaturas, serventuario publico aposentado ;

(*c*) Annibal Possidonio de Almeida Fortuna, nascido a 29 de Fevereiro de 1837, casado no Rio de Janeiro, onde era negociante, e fallecido em 1882 ;

(*d*) Coronel Ignacio de Almeida Fortuna, nascido a 30 de Novembro de 1841, deputado Provincial em duas legislaturas, advogado provisionado e chefe politico em Granja.

LAURENIO DE OLIVEIRA CABRAL.—Nasceu em 1835 na cidade do Icó, sendo seus progenitores o capitão Wenceslao de Oliveira Cabral e D.ª Clara de Oliveira Cabral.

Formando-se na Faculdade de direito do Recife

em 1862, advogou na cidade do seu nascimento e exerceu os cargos de official maior da Secretaria da presidencia da Parahyba e de juiz municipal e de orphãos dos termos reunidos de Cascavel e Aquiraz. Foi por vezes deputado provincial.

Falleceu a 10 de Fevereiro de 1885 de uma hydro-pericardite na villa de Principe Imperial, onde era juiz de Direito desde 1877.

Laurindo Justiniano Douétts (P.e). Filho do Capitão Leonardo José Douétts, Icóense, e D. Maria Thereza de Jesus Douétts, natural do Jardim, nasceu na cidade do Jardim no Cariry a 31 de Dezembro de 1847, sendo baptisado no principio do seguinte anno pelo Vigario da Freguezia, P.e Antonio Manoel de Souza, o celebre *Benze-cacêtes*.

Fez no Icó os primeiros estudos com o P.e Antonio Joaquim dos Santos.

Em 1860 mudou-se com sua familia para a cidade de Souza, na Parahyba, onde, sob a direcção do P.e Thomaz de Aquino, tanto adiantou-se nas letras, principalmente latinas, que, entrando para o Seminario da Fortaleza no começo de 1868, concluiu em seis annos os estudos.

Recebeu o Presbyterado das mãos de nosso primeiro Bispo, D. Luiz, no dia 30 de Novembro de 1873.

Em Março seguinte foi nomeado Vigario de S. Bento do Cascavel, tomando posse dia de S. José (19 de Março de 1874).

Ahi passou com a familia, que mandara buscar para sua companhia, a tremenda secca de 1877 - 79.

Em 1883, por encommodos de saude, teve que deixar o Cascavel indo para o seio da familia, que havia regressado para Souza.

O Governo Diocesano de Olinda aproveitou alli os seus serviços, nomeando-o pro-parocho e depois parocho de Souza, regendo ao mesmo tempo Pombal e S. José de Piranhas. Cinco annos carre-

gou a cruz de tão penoso parochiato retirando-se em 1888 para a cidade do Triumpho, antiga Baixa-Verde.

Em 1899 fizeram-no Vigario d'essa importante cidade do alto sertão Pernambucano.

Neste mesmo anno proclamou-se a Republica. Com os impios Decretos do Governo Provisorio, despertou-se o sentimento religioso da nação. Formou-se o mallogrado Partido Catholico, que teve em Triumpho no Vigario Douétts um chefe ardente e poderoso. Os adversarios acharam-se sem eleitores. O povo da freguezia, profundamente catholico, acompanhara, como é natural, o seu bom Parocho. Era precizo fazel-o sahir da Freguezia. Para as eleições Municipaes, em Setembro de 1891, tramou-se a sua deposição ou a sua morte.

Avizado em tempo, o P.e Douétts deixou a cidade alta noite, e no Riacho do Navio reuniu e armou 600 homens. Os Coroneis Cruz e Loureiro juntaram-se-lhe levando cada um 300 homens.

A frente de mais de 1.200 sertanejos bem armados marchou sobre Triumpho. Felizmente os chefes contrarios cederam. Mandaram chamar em Villa-Bella o Visitador Conego Torres, o qual indo ao encontro do Padre Douétts convenceu-o a acceitar o accordo que lhe offereciam. Lavraram-se novas actas e o Vigario formou com os seus a maioria do Conselho, tomando a presidencia.

No anno seguinte (1892) foi eleito Prefeito. Exercia este cargo, quando Barbosa Lima, dictatorialmente, decreta a dissolução de todos os Conselhos Municipaes do Estado. O Vigario de Triumpho comprehendeu que a resistencia á mão armada não condizia com seu caracter sacerdotal. Aconselha a paz a seus amigos. Não sendo attendido, deixa o governo municipal e vae até o Recife. Na sua ausencia os coroneis Cruz e Loureiro rechassam 70 praças, que o Governador mandara para os prender.

No Recife o Vigario Douétts é accusado de ter ido comprar munições para os revoltosos. Barbosa

Lima chama-o a Palacio. O Padre respondeu briosamente áquelle homem, deante do qual, n'aquella epocha de terror, todos tremiam, e foi enviado á prisão, onde esteve sete dias quasi incommunicavel, sendo solto por protestos de D. João Esberard e por convencer-se Barbosa Lima de sua innocencia.

Continuando a lucta em Triumpho, para pôr-se ao abrigo de qualquer perseguição e a conselho do citado Bispo, foi para Bahia, onde demorou-se oito mezes. Em Julho (1892) esteve no Ceará, em visita a sua terra natal. Pacificado o Municipio, voltou ao Triumpho já não como Vigario resolvido como estava a não ser mais parocho.

A fortes instancias, porem de D. João Esberard, que muito o queria e admirava, acceitou a freguezia de S. José de Bizerros no Estado de Pernambuco, e tomou posse a 4 de Outubro de 1892. E' das freguezias mais piedosas da actual diocese Olindense essa que o Padre Laurindo cultiva com zelo e optimos fructos.

O nome Douétts vem lhe de seu avô paterno, francez de nação, o qual fazia parte de uma communidade de Jesuitas em Pernambuco, quando o perfido Marquez de Pombal expulsou esses benemeritos Religiosos. Muito moço e sem ter-se ligado ainda por votos ou Ordens Sacras, conseguiu evadir-se, e ganhando o sertão, veio ao Umary, onde constituiu familia.

Alli, vendo a difficuldade com que eram conduzidos os cadaveres para ser sepultados no Cemiterio do Icó, animou a idéa da construcção de uma Egreja, pondo-se á frente d'esta empreza. Assim foi que construiu-se a Matriz de S. Gonçalo, séde da actual freguezia do Umary.

LEANDRO BEZERRA MONTEIRO. Filho de José Geraldo Bezerra Monteiro.

Tendo-se bacharelado em sciencias sociaes e juridicas na Academia do Recife, viveu muitos annos

na Provincia de Sergipe, que mais de uma vez o enviou por seu representante á Camara dos Deputados. Como deputado da Nação tomou parte saliente na chamada Questão Religiosa, collocando-se ao lado da justiça e da verdade, isto é, da Egreja Catholica atrozmente perseguida pela Maçonaria, que governava então o Paiz.

Transportando-se para Parahyba do Sul, ahi entregou-se á advocacia e ás obras de caridade e piedade, que lhe deram nome.

O *Jornal do Commercio*, o grande orgam Fluminense, occupando-se da Irmandade de N.ª S.ª da Piedade da Parahyba do Sul, da qual era Provedor o Dr. Leandro Bezerra, chama-o de *benemerito da patria e da humanidade* por seus serviços á causa da pobreza e da instrucção. Tratando a dita Irmandade de tirar-lhe o retrato destinado a uma das salas do Azylo, Leandro Bezerra recusou a offerta pedindo que as quantias arrecadadas pela Commissão, a cuja testa estava o Barão de Palmeiras, fossem applicadas em dotes a orphans que se distinguissem por sua intelligencia, applicação e procedimento. A proposito travou-se uma edificante correspondencia entre o Provedor e a Commissão, que vem publicada n'*O Provinciano* de Abril de 1883 e *Pedro II*. n.º 35, do dito anno.

Escreveu:

—*Memorandum* sobre as eleições da provincia de Sergipe de 1863, Rio de Janeiro, 1863, in-8.º, 44 pp. Assigna-o tambem o Dr. Thomaz Alves Junior.

—*Eleição do 1.º Districto de Sergipe.* Discursos proferidos por Francisco de Paula da Silveira Lobo, Leandro Bezerra Monteiro e Thomaz Alves Junior. Rio de Janeiro, 1864, in-4.º gr., 32 pp.

—*Discurso* proferido na sessão de 18 de Junho de 1873 etc. Rio de Janeiro, 1873, in-8.º, 8 pp.

—*Discurso* pronunciado na Camara dos Deputados em 27 de Março do corrente anno. Rio de Janeiro, 1873, in-8.º, 47 pp.

—*Discurso* proferido na sessão de 4 de Setembro de 1874 na denuncia dada contra os ministros do Imperio, da Fazenda e do Estrangeiro por machinarem contra a Religião do Imperio, Rio de Janeiro, 1874, in-8.º, 31 pp.

—*Discurso* proferido na sessão de 7 de Junho de 1875, Rio de Janeiro, 1875, in-8.º, 44 pp.

LEANDRO CHAVES E MELLO RATISBONA.—Nasceu no Crato a 1 de Maio de 1824 e aos 9 annos começou os estudos primarios e em breve substituia o fallecido pae no emprego de escrivão de orphãos. Deixando esse officio, foi estudar na Academia de Olinda, onde recebeu em 1853 o titulo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. No tempo ainda de academico, 2.º annista, foi eleito deputado provincial.

Representou por vezes o partido liberal da Provincia na Camara dos Deputados Geraes e entrou em duas listas senatoriaes. Foi nomeado lente da Lingua Nacional no Lyceu de Fortaleza em 1857 na mesma occasião em que o Dr. Esmerino Gomes Parente o foi para a cadeira de Rhetorica.

Mudando-se para Parahyba do Sul foi advogado de grande fama, com clientela numerosa e ahi falleceu a 22 de Dezembro de 1900.

Noticiando sua morte, disse a seu respeito com justiça a *Republica*, de Fortaleza:

Foi um talento de filagrana, com muitos dótes para a attracção dos animos, o illustre cearense, que se tinha finado, ha muito, para morrer hontem. Affectado de um derramamento cerebral, ha annos se tinha esterilisado o seu espirito ameno, delicia dos amigos e inveja dos que amão a vida intellectiva, preferindo os successos do saber aos gosos da fortuna aurea, ou do bronzeo poder.

Espirituoso, insinuante e d'uma palavra, que enleiava, era o que os francezes chamão um *causeur* sublime, que dominava tanto os salões, ou rodas aristocraticas, como as palestras aldeiãs.

Competiria, nesta especialidade do talento, com Gonçalves Dias, o immortal, cuja palestra valia um livro bom para os serões, onde primasse a maior delicadeza de sentimentos.

Foi politico da escola liberal, na pleiade de Pompeu e Liberato, e vulto de primeira grandeza, ao influxo somente da sua capacidade.

Vencião-no, porem, os impulsos do coração, lhe tirando á vontade a fina tempera de aço, reclamada pelo attrito dos partidos. No melhor caminho, de momento retrocedia ao impulso de uma força estranha, que não era a de seu senso intimo, mas uma febre d'alma que o prostrava.

De par com as ambições da vida ostensiva e ostentosa, procurando as cúmiadas sociaes, professava extremo desapego aos haveres terrenos, quando foi sempre má e corrosiva toda politica, que não rendeu cultos a Plutus. Si foi sempre nobre, por ter vivido pobre, nunca conciliou o poder, porque este escapa aos que não podem conciliar o dinheiro. Foi homem á imagem de Saldanha. Sua força sempre residio nos modos, na elegancia do pensamento, e no iman da palavra.

Depois de apparição ruidosa nas assembléas de sua terra, e da nação, e da achega de tantos amigos, que se comprasião de cultivar as suas relações, necessidades da vida o fizerão prender-se ao cêpo de uma banca de advogado, e o esquecimento se condensou em torno delle, na sua atmosphera de annos e de trabalho.

Conheço delle:

—*Ceará. Eleição do 3.º districto.* Rio de Janeiro, Typ. do *Correio Mercantil*, 1863, in-8.º de 13 pp.

LEANDRO TEIXEIRA PEQUENO (P.e).—Natural do Icó e filho do Tenente Coronel Manoel Joaquim Teixeira e D.a Maria Rita Teixeira.

Nasceu em 1854 e recebeu ordem de presbytero em 1873.